

Dossiê “Memória, Relações de Gênero e História Oral”

A organização deste dossiê seguiu dois caminhos: 1) reunir bons trabalhos apresentados no Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul, ocorrido entre 4 e 7 de maio de 2009 em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina; 2) atrair artigos que articulassem gênero, memória e história oral em sentido mais amplo.

Os primeiros artigos foram selecionados dentre os que se apresentaram nos Simpósios Temáticos do Colóquio citado, e que focalizavam memória e história oral. Estes foram convidados a expandir seus textos, transformando-os em artigo, uma vez que estavam em formato de apresentação oral e não excediam 10 páginas. Alguns dos trabalhos abordam o período das Ditaduras Militares no Cone Sul, ocorridas entre as décadas de 1960 e 1980. Ana Maria Veiga faz um mapeamento das redes feministas, cuja formação, no Brasil e na Argentina, foi esboçada na década de 1960, e tomou corpo, sobretudo, a partir da década de 1980. Joana Vieira Borges traz uma reflexão sobre as leituras de *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, por parte de feministas que tiveram uma atuação política significativa no Brasil, na Argentina e no Uruguai, nos anos dos regimes autoritários. Claudete Beise Ulrich, numa abordagem semelhante, analisa a influência das leituras feministas na reflexão teológica e na prática pastoral de homens e mulheres de confissão luterana, no sul do Brasil. Lídia Possas problematiza o percurso de mulheres viúvas de vítimas da repressão política da ditadura militar brasileira, refletindo sobre como suas subjetividades se constituíram a partir da experiência da viuvez, bem como as estratégias políticas de que se serviram para lidar com essa condição. Através da narrativa das trajetórias de duas mulheres, uma brasileira e uma argentina, Ivonete Pereira tece reflexões acerca das identificações com a militância e com a maternidade. As duas militantes mencionadas desafiaram, desse modo, o código social vigente, que estipulava as identidades de gênero; passaram, assim, a participar de grupos de resistência às ditaduras de seus países, no período de 1964 a 1989. O foco central de sua

reflexão reside na maneira como lidaram com os conflitos entre tais identificações. Carmen Susana Tornquist e Carolina Shimomura Spinelli relatam os resultados de sua pesquisa sobre o processo de apropriação do parto sem dor no Brasil, na Argentina e no Uruguai, visto que essa técnica obstétrica de vanguarda era considerada como uma prática esquerdista. Recuando para a década de 1930, o artigo de Eunice Nodari também traz um tema relacionado à repressão, mas, dessa vez, tendo como pano de fundo a ditadura de Getúlio Vargas, cuja política nacionalista relegou ao silêncio mulheres imigrantes do sul do país, habituadas a se comunicarem em sua língua materna, o alemão.

Na segunda parte do dossiê, são apresentados artigos que abordam as relações de gênero, a memória e a história oral em temáticas diversas e em diferentes períodos. Em uma perspectiva mais contemporânea, Losandro Antonio Tedeschi discute a luta das mulheres agricultoras do sul do Brasil para conquistar seus direitos sociais, e como isso contribuiu para que repensassem seus papéis sociais de gênero. Ana Maria Marques traz uma discussão acerca da alteração do significado do envelhecimento nas últimas três décadas, que conferiram positividade à velhice pela alteração do estereótipo do “velho”, passando pela noção de “terceira idade”, até chegar ao modelo atual do idoso ativo e saudável – imagem não isenta de aspectos problemáticos –, e investiga, também, os efeitos que essa mudança produziu sobre a população idosa feminina, visto que a expectativa de vida das mulheres é consideravelmente maior do que a dos homens. Abordando temáticas da imigração, Luís Fernando Beneduzi desconstrói os estereótipos relacionados à imigração contemporânea de mulheres para a Itália, mostrando as diferentes etapas do processo de expatriação de duas brasileiras de classe média que optaram por viver no exterior. Ainda dentro desse tema, Leslie Hernández retraça o mapa migratório imaginário criado por uma menina peruana de oito anos, cuja mãe partiu para a Itália e, através da análise dessa visão infantil sobre o fenômeno migratório, reflete sobre a “cultura da mobilidade” que se instaurou no horizonte feminino da sociedade peruana.

Agradecemos à diretoria da Associação Brasileira de História Oral pela oportunidade de organizar este dossiê, bem como às autoras e autores que contribuíram com suas reflexões.

Joana Maria Pedro, Ivonete Pereira, Mariana Joffily